



JERUSALÉM

DE GONÇALO M. TAVARES
ENCENAÇÃO JOÃO BRITES | TEATRO O BANDO

23 DE OUTUBRO A 2 DE NOVEMBRO 2008
PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

DIAS 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31 DE OUTUBRO E 1 DE NOVEMBRO ÀS 21H00
DIAS 26 DE OUTUBRO E 2 DE NOVEMBRO ÀS 16H00

Texto: GONÇALO M. TAVARES
Dramaturgia, encenação e espaço cénico: JOÃO BRITES
Corporalidade: LUCA APREA
Oralidade: TERESA LIMA
Análise literária e dramática: RUI PINA COELHO
Figurinos e adereços: CLARA BENTO
Desenho de luz: JOÃO CACHULO
Interpretação:
CRISTIANA CASTRO, HORÁCIO MANUEL, JOÃO BARBOSA, NICOLAS BRITES, RAUL
ATALAIA, ROSINDA COSTA e SUZANA BRANCO

JERUSALÉM é a terceira incursão que fazemos pela obra de Gonçalo M. Tavares. Este caminho começou por ser trilhado pelo João Brites em 2005, juntamente com o Grupo de Teatro As Avozinhas, da Associação de Idosos de Palmela. Assim, foi no contexto do Festival Internacional de Artes de Rua que se desenvolveu o espectáculo OS HENRIQUES, a partir d' *O Senhor Henri*.

A esta experiência seguiu-se uma outra na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde o João Brites trabalhou *Um Homem: Klaus Klump* com os seus alunos. Na altura, esse exercício foi acompanhado por Rui Pina Coelho, o qual muito nos auxiliou agora na compreensão e re-trans-des-montagem deste **JERUSALÉM**.

Em relação a esta terceira etapa, foi António Mega Ferreira quem nos abriu as portas da Sala Eduardo Prado Coelho, dando às nossas ideias a medida da realidade e trazendo o mal e a guerra para dentro do Centro Cultural de Belém.

Estar no presente é ter consciência de que vivemos numa cidade ocupada

Actores e espectadores habitam a mesma cidade. A cidade foi ocupada. A noção de presente é o factor que reúne a ficção à realidade concreta.

Não é possível renovar os nossos propósitos artísticos sem focar a criação em diferentes opções dramáticas, em constituir diferentes propósitos de construção dos espectáculos. Sim, as diferenças são relativas porque as nossas características e opções estéticas são obsessivas, mas rodamos em torno da obra para tentar encontrar uma outra perspectiva do olhar que alimente um resultado distinto. Elegemos então a noção de presente como âncora aglutinadora do trabalho dos actores. Uns actores que são artistas, uns artistas que se servem das matérias produzidas na orientação da direcção artística para exercitarem no acto teatral as suas próprias convicções.

Como se vê, sinto alguma necessidade de partilhar com os espectadores um pouco da cozinha interna que sustenta a construção das criações cénicas. Quantas vezes a arte que mais exige que se cumpra no presente se confina a um acto evocativo que se repercute na ausência de um acto actualizado. Por isso, tenho procurado realizar os espectáculos em espaços mais ou menos inesperados que, ao se confrontarem com os gritos das gaivotas, ou com o vento, ou com os cheiros, ou com a altura da lua real no céu estrelado, nos fazem viver momentos irrepetíveis.

Todos os que fazem teatro sabem que o mais complexo e difícil é saber repetir o acto de dizer e de fazer como se fosse a primeira vez que isso acontecesse. Se os grandes protagonistas da linguagem teatral são os actores, como estar em sintonia com o tempo dos espectadores sem abdicar da mais relevante característica do artista, ou seja, a sua capacidade de abstracção e de representação simbólica? Como, actuando no presente, com a qualidade desse acto irrepetível, não entrar num registo de representação de telenovela, na busca de uma naturalidade e de um realismo quotidiano?

Não temos respostas, tentamos continuar a fugir de um teatro que parece estar mas não está lá. Queremos um teatro que contribua para acordar as consciências, que provoque reacções e que essas reacções possam ter efeitos na cidade e nos habitantes da cidade. Uma cidade que foi usurpada e sorrateiramente ocupada por uma antiética que nem resíduos de culpa deixa.

João Brites, Palmela, 14 de Setembro de 2008